



Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade

O espaço rural de Porto Alegre (RS) descrito por meio das percepções de moradores da região metropolitana

Lillian Bastian¹

Fábio Kessler Dal Soglio²

Resumo

O rural de Porto Alegre constitui-se em um espaço particular, incomum para uma metrópole brasileira, por sua riqueza ambiental. É também um espaço em disputa, pois os responsáveis pela especulação imobiliária e os agricultores familiares o entendem como local com potencial para usos distintos e incompatíveis. Partindo do pressuposto de que as distintas práticas humanas nos espaços têm suas origens na percepção, este trabalho busca identificar e descrever as percepções de diferentes grupos de pessoas sobre o rural de Porto Alegre considerando esse embate que permeia o rural e a necessidade de conservação da biodiversidade. Estes diferentes grupos são formados por pessoas residentes na região metropolitana de Porto Alegre, dentre eles estão os frequentadores da Feira Ecológica José Bonifácio, turistas que visitaram este espaço rural e pessoas que passaram a residir nele transformando-se em “novos

¹ Mestra em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR-UFRGS). Bolsista CNPq. E-mail: lillianbstn@hotmail.com.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

rurais". A coleta de dados baseou-se em técnicas da etnografia e a análise dos dados, na Análise de Discurso. Os resultados apontam que o rural de Porto Alegre foi descrito como "lugar agroecológico", "isolado", "qualidade", "contradições" e "liberdade". Estas percepções do rural de Porto Alegre são moldadas por histórias de vida distintas e pelos contextos rural e/ou urbano em que os informantes estão inseridos.

Palavras-chave: *rural de Porto Alegre, percepções, espaço rural.*

Abstract

The countryside of Porto Alegre is a particular space, because of its preservation, unusual for a metropolis in Brazil, and its environmental wealth. However, it is a disputed space, because those responsible for land speculation and the farmers understand it as a place with potential for different and incompatible uses. Thus, assuming that different human practices in occupied spaces have their origins in perception, this study aimed to identify and describe the perceptions of different groups of people over the countryside of Porto Alegre considering this clash that pervades the countryside and the need of biodiversity conservation. This different groups are residents in the metropolitan area of Porto Alegre among them are the respondents were goers of the Jose Bonifacio Ecological Fair, tourists who visited this countryside and people who moving to this space became "new countryside". Data collection was based on ethnographic techniques and analysis of data of Discourse Analysis. The results point who countryside of Porto Alegre was described as "agroecological place"; "isolated"; "quality"; "contradictions"; and "freedom". Those perceptions of the countryside to Porto Alegre are shaped by distinct life histories and contexts of rural and/or urban experiences in which urban residents are inserted.

Keywords: *countryside to Porto Alegre, perceptions, rural areas.*

Introdução

Neste artigo serão apresentadas as percepções que os moradores da região metropolitana de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul (RS), têm sobre o espaço rural que se localiza ao sul do território desta capital. A descrição das percepções deste rural de Porto Alegre acontece motivada pela peculiaridade de haver um espaço como este nesta capital, enquanto a característica da maioria das metrópoles é a grande

concentração de habitantes, de poder administrativo e do capital financeiro.

Este rural permanece até os dias atuais porque grande parte da população se abriga densamente em uma porção do espaço territorial de Porto Alegre. Este fato é determinado pela cadeia de morros que está localizada ao centro de seu território e que dificulta o acesso das pessoas às porções de terras localizadas ao sul do município. Por serem menos ocupadas, essas terras do sul ainda possibilitam a prática da agricultura.

Entretanto, o fato de existir um espaço rural em uma metrópole como Porto Alegre, com baixa densidade de população, o expõe a condições de instabilidade no que se refere à sua continuidade a médio e longo prazo. A valorização do modo de vida rural, das chácaras e sítios o transforma em um atrativo para pessoas que buscam uma vida mais tranquila e distante das imediações do centro onde impera a poluição sonora e ambiental, a impessoalidade e a violência.

Essas condições fazem com que o setor imobiliário passe a se interessar pelas áreas onde se localiza o rural, caracterizando uma situação de risco para a continuidade das atividades agrícolas, pois quando o capital imobiliário se insere nesse espaço, ocupando-o com projetos residenciais, muitos dos quais irregulares e sem planejamento e investimento em infraestrutura, deixam de existir áreas rurais e naturais. As ocupações agrícolas e residenciais são difíceis de serem conciliadas.

Desta forma, nota-se que o espaço rural ao sul de Porto Alegre se encontra em disputa, uma vez que os agricultores almejam manter seus locais de sobrevivência e continuar a desempenhar suas atividades. Muitas vezes, no entanto, não conseguem resistir à pressão imposta pelo setor imobiliário.

Além de abrigar os agricultores, o sul de Porto Alegre, por ter densidade populacional menor do que a encontrada nos bairros mais centrais, contém grande parcela de sua área ainda em estado natural. Deve-se destacar que neste espaço há o encontro de dois biomas, o bioma pampa e o tropical, sendo uma faixa de transição biológica, o que torna a fauna e, mais essencialmente, a flora local diversas, sendo possível encontrar

espécies dos dois biomas em uma mesma área. Para conservar estas espécies, existem alguns parques de preservação ecológica, como a Reserva Biológica do Lami, onde ocorre a manutenção desta biodiversidade. Todavia, uma porção significativa desta riqueza ambiental está localizada em sítios, chácaras e estabelecimentos agrícolas (PORTO ALEGRE, 2008).

Considerando todas essas características do espaço rural de Porto Alegre, compreende-se que ele é marcado pela presença de atividades dos setores primário, secundário e terciário onde são estabelecidas relações próximas imbuídas de pessoalidade entre o grupo de moradores de determinada localidade rural. As relações pessoais, em diferentes intensidades, se estendem para o meio mais urbanizado quando há interações com os residentes deste espaço (GOMÉZ, 2001).

Existem distintas instituições que, interessadas pela continuidade do rural e do ambiental, atuam no espaço. As associações de agricultores e algumas ONGs, como o INGÁ Estudos Ambientais, lutam pela manutenção do rural. Entretanto, consolidando a disputa, o setor imobiliário apela para o poder do capital para adquirir terras antes agrícolas ou em estado natural e transformá-las em terrenos para a urbanização.

Neste jogo de forças, estão pessoas conscientes ou não desta situação que se introduzem ou estão introduzidas neste espaço através da atuação em diferentes práticas e atividades determinando que estas pessoas tenham uma percepção do rural de Porto Alegre, pois a percepção permite que uma pessoa se desloque pelo espaço e compreenda-o. Segundo Merleau-Ponty (2006), a percepção é o caminho adotado por todo ser humano para aprender sobre o mundo que o cerca, acontecendo quando o homem identifica em seu ambiente um conjunto, composto por partes, e tenta entender qual é o seu sentido. Assim, a percepção busca o sentido das coisas, guiando-se pela observação da completude delas e considerando o contexto em que estão inseridas.

Originando-se de experiências inéditas, a percepção pode conciliar-se com percepções anteriores, podendo ocorrer reconfiguração de percepções através de experiências mais atuais. Deste modo, através de

processos perceptivos sucessórios, ocorrem transformações na forma como o mundo é concebido pelo sujeito *perceptor* (SOUZA, 2009).

Quando uma pessoa está habituada ao mundo de determinadas características sociais, institucionais, ambientais, políticas e culturais, ela pode passar a entender que não há mais necessidade de percebê-lo. Neste estágio, essa pessoa pode passar a desenvolver atividades cotidianas sem necessariamente realizar os processos de percepção, evidenciando sua clareza das situações passíveis de ocorrerem em seu mundo. Pode-se dizer que, neste estágio, pressupõe que no seu exterior existem dados que pode tomar como certos. (MERLEAU-PONTY, 2006; TUAN, 1983).

Partindo-se da ideia de que o homem é guiado em um espaço por sua percepção e que esta percepção determina as práticas que ele desempenha neste espaço, originou-se um ramo específico da geografia denominado geografia humanística, a qual se interessa pelo estudo da percepção do homem sobre o espaço que o circunda. Este ramo de pesquisa passou a descrever e estudar a percepção que o homem tem do espaço geográfico³, pois, a partir disso poderia compreender melhor algumas atitudes do homem em seu ambiente, bem como delimitar prováveis ações futuras que viessem a influenciar o ambiente. Deste modo, a percepção geográfica tenta compreender o homem no espaço em que está inserido, observando o que guia seu movimento e quais são os valores que atribui ao espaço (XAVIER, 2007).

Como a percepção origina-se de experiências concretas, na percepção geográfica não há distinção. Por isso, parte-se do pressuposto de que, para existir uma percepção sobre um ambiente, o homem precisou experimentá-lo de diferentes formas. Segundo Tuan (1983), a experimentação da pessoa no ambiente compreende diferentes estágios, originando duas concepções que estão relacionadas: espaço e lugar. Para esse autor, o espaço compreende a porção territorial onde a pessoa ainda

³ Por espaço geográfico compreendem-se porções territoriais que ainda não foram ocupadas efetivamente pelo homem e as áreas ocupadas com a atividade humana (SOUZA, 1995). Para Santos (1999), constitui-se em um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de ações.

não está totalmente familiarizada, enquanto o lugar pressupõe a porção do ambiente em que a pessoa sente-se habituada.

Estas duas formas de denominar o ambiente causam sensações diferentes em seu observador. O espaço é amplo e traz sensação de liberdade. É o meio maior no qual se está inserido. O lugar é a porção do espaço a que se está acostumado. Um espaço pode ir tornando-se um lugar na medida em que uma pessoa que o conhece dota-o de valor. Estes dois termos também estão entrelaçados, já que uma ideia não pode ser definida sem a outra.

A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então o lugar é a pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar (TUAN, 1983, p. 6).

Analisando estas reflexões sobre a percepção, pode-se dizer que quando uma pessoa está em um espaço podem acontecer três situações no âmbito da percepção. Elas iniciam pela primeira situação descrita abaixo e na sequência pode surgir tanto a segunda como a terceira. Inicialmente, quando é uma das primeiras vezes que uma pessoa está em algum espaço, ela tem a tendência de percebê-lo. Posteriormente se ela está habituada com ele, já passou pelo primeiro estágio da percepção e está em um lugar, conforme Tuan (1983). E/ou pode ocorrer da pessoa perceber um novo detalhe no mosaico do espaço e entrar em um novo processo perceptivo que ocasionalmente irá reconfigurar de alguma forma a percepção anterior sobre aquele mesmo espaço.

Pensando no rural de Porto Alegre com agricultores e o setor imobiliário disputando espaços de riqueza ambiental e, conseqüentemente, produzindo transformações, evidencia-se que seus visitantes e moradores estejam constantemente percebendo as alterações físicas e institucionais (pois elas não deixam de acontecer em situações como estas), e estejam mudando suas percepções motivados por estas informações. Assim, para algumas pessoas, anos atrás este rural

poderia ser um espaço isolado pela cadeia de morros, hoje pode ser um lugar que induz sensações de calma e tranquilidade. Para outras, deixou de ser um espaço de agricultura para se transformar em lugar de moradia.

Considerando o que foi exposto sobre o rural de Porto Alegre, onde se destaca a sua condição de estar sujeito a constantes alterações, buscou-se neste artigo entender quais seriam as percepções do rural de Porto Alegre entre pessoas que residem ou são visitantes deste local e pessoas que não conhecem o local, mas que com ele se relacionam ao frequentarem uma feira ecológica e comprarem alimentos produzidos por agricultores do espaço rural de Porto Alegre e que entendem que, além de saudáveis, alimentos produzidos ecologicamente também contribuem com a preservação ambiental. Deste modo, os informantes da pesquisa representaram um leque de pessoas que se relacionam com o rural de diferentes maneiras, podendo assim fornecer um rol multifacetado das percepções que estariam mais próximas ao universo das percepções que podem existir sobre o referido espaço.

Com esta identificação das percepções do rural de Porto Alegre, futuramente será possível orientar projetos para atender aos anseios da população para este espaço, bem como programar formas de manutenção da biodiversidade, seja mediante a criação de novos parques de conservação da natureza ou nas próprias propriedades dos agricultores através de Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN). Além disso, com a manutenção do espaço rural pode-se oferecer alimentos frescos, regionalizados e saudáveis à população de Porto Alegre.

Após esta introdução parte-se para a descrição do método de pesquisa, detalhando como as percepções dos informantes foram obtidas e quais foram os parâmetros de análise usados. Na sequência são apresentadas as categorias de percepções do rural de Porto Alegre e as prováveis condições do contexto de vida de cada informante que as determinaram. Ao final, são expostas algumas considerações finais.

Descobrimo as percepções dos informantes

Por tratarem de um tema subjetivo de cada pessoa - a percepção - a coleta e análise de dados foram formuladas conforme métodos de pesquisa qualitativos. Assim, foram traçadas estratégias de pesquisa baseadas na etnografia e na Análise de Discurso. Inicialmente, a delimitação dos informantes deu-se com o objetivo de entrevistar pessoas que tivessem diferentes contatos com o rural de Porto Alegre e desempenhassem diferentes práticas neste espaço rural.

Deste modo, os informantes foram inseridos em três grupos de pessoas que interagem de diferentes formas com o rural de Porto Alegre. Participaram no primeiro grupo usuários da Feira Ecológica José Bonifácio (FEJB), onde são comercializados produtos provenientes do rural de Porto Alegre. Um segundo grupo foi composto por turistas dos Roteiros Turísticos dos Caminhos Rurais, um roteiro que circula na porção rural de Porto Alegre. E em um terceiro grupo participaram informantes "novos rurais", que, segundo Giuliani (1990), são pessoas que residiam no meio urbano e que foram atraídos pelo modo de vida do rural, mudando seus locais de residência para o ambiente rural e inserindo-se neste espaço de forma a também desempenhar atividades agrícolas.

Considerando estes distintos grupos, foram selecionados nove "Usuários da Feira", cinco "Turistas" e sete "Novos Rurais", totalizando 21 pessoas. Além disso, entre os usuários da feira foram realizadas observações na FEJB durante nove sábados. No grupo de turistas, foram realizadas observações durante cinco distintos roteiros turísticos dos Caminhos Rurais. Já o grupo de novos rurais foi observado em vivências nos sítios e propriedades.

Para a identificação das percepções do rural de cada um dos informantes, foram utilizadas técnicas da etnografia, buscando captar as informações desejadas interferindo o menos possível no ambiente onde as pessoas a serem entrevistadas estavam inseridas. Assim, foram aplicados roteiros de questões semiestruturadas, bem como realizada observação participante e elaborados diários de campo (FLICK, ANGROSINO, 2009).

Para a análise dos dados, foi empregada uma ferramenta da Análise de Discurso denominada referência. Esta ferramenta parte da identificação

de trechos das entrevistas onde constavam as percepções dos informantes. Após a identificação dos trechos perceptivos de cada um dos informantes, um próximo passo foi selecionar um texto pré-construído relacionado ao tema da entrevista. Este texto pré-construído constitui-se em um discurso que poderia dar sustentação à fala das pessoas quando expunham suas “percepções”, acarretando que as respostas às questões acerca das percepções do rural de Porto Alegre não compusessem suas verdadeiras percepções e sim a replicação de enunciados de um discurso previamente construído (BORBA, 2006).

O texto pré-construído utilizado nesta pesquisa estava constantemente presente na vida dos moradores de Porto Alegre. Este dispositivo analítico é o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental (PDDUA), que determina os usos e ocupações das diferentes porções do solo do município conforme as qualidades ambientais e a sua localização (PORTO ALEGRE, 1999).

Este texto pré-construído foi consultado para a averiguação da compatibilidade de sentidos entre o PDDUA e as expressões expostas pelos informantes. Em caso de sentidos iguais entre a percepção e o texto pré-construído, esta porção da “percepção” foi tratada como uma replicação de um discurso previamente construído, não compondo a percepção do rural de Porto Alegre daquele informante.

Após a identificação da percepção de cada informante, foram formados diferentes conjuntos de percepções que se aproximavam pela similaridade de sentido. Nestes conjuntos, os grupos os quais estavam vinculados os informantes (usuários da feira, turistas e novos rurais) não foram respeitados, pois as percepções se distinguiram entre as pessoas que, a princípio, atuavam de maneiras parecidas no rural. Para cada conjunto de percepções foi dado um nome que compreende o sentido expresso pelas percepções, resumindo-o em poucas palavras. A partir destes critérios, foram criadas cinco “categorias” de lugares do rural de Porto Alegre.

Os lugares do rural de Porto Alegre

Abordando as percepções sob um viés que parte de um princípio descritivo, uma vez que na corrente perceptiva utilizada neste artigo “o real deve ser descrito, não construído ou constituído” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 5), esta descrição foi elaborada de maneira a não analisar as percepções como corretas ou incorretas, pois cada pessoa tem sua forma de percepção baseada em sua história de vida e no ambiente e contexto em que está inserida (OLIVEIRA, 2006). Tendo isso em consideração, as percepções do rural de Porto Alegre são descritas apoiando-se nas abordagens trazidas por pesquisadores da percepção e da percepção geográfica.

A forma como as percepções do espaço rural de Porto Alegre ocorreram para os distintos informantes está baseada no que Relph (1979) expôs quando delimitou o que é a geograficidade. Nesta noção, estão compostas todas as relações estabelecidas pelo homem com o espaço, o lugar e a paisagem, e as relações existentes entre estes. Relaciona-se “às várias maneiras pelas quais sentimos e conhecemos ambientes em todas as suas formas, e refere-se ao relacionamento com os espaços e as paisagens, construídas e naturais [...]” (RELPH, 1979, p. 18). Nela ficam guardadas todas as sensações que são originadas no homem em seu contato com o mundo, em seu estar no mundo. Em outras palavras, ficam guardadas as respostas que as experiências nos ambientes proporcionaram antes de análise e atribuição de conceituação.

Contendo as práticas e as sensações relacionadas ao processo de conhecimento do mundo que cerca o homem e as relações que são desempenhadas com o exterior do homem, a noção geograficidade significa as percepções que um indivíduo obtém em espaços e lugares.

Lugar agroecológico

Nesta categoria, composta por dois informantes (um novo rural e um usuário da feira), o rural de Porto Alegre é descrito como um local agroecológico. Conforme os dados coletados, pode-se dizer que esta percepção nasceu enquanto os informantes adquiriam alimentos ecológicos produzidos no rural.

A obtenção dos alimentos se dava diretamente nas propriedades ou na FEJB. Um destes informantes, o novo rural, reside muito próximo a quatro agricultores que comercializam na FEJB e obtém diretamente em sua propriedade os alimentos que precisa. Além de se beneficiar da obtenção destes alimentos saudáveis, ele citou que a proximidade a estes locais trouxe sensação de tranquilidade quando era feita comparação ao estilo de vida urbano que tinha antes de morar no rural, delimitando uma relação saudável com o sítio onde passou a residir. Neste local, ele obtinha alimentos saudáveis, tranquilidade e exercia atividades ligadas ao turismo rural. Além disso, a moradia no sítio, em localização contígua aos sítios de base ecológica, possibilitou a implementação de um modelo de manejo agrícola baseado nas práticas agroecológica que veio a constituir um dos principais fatores para a adaptação ao novo local de residência.

Hoje, né, eu tenho o privilégio de morar entre os quatro agroecológicos do (bairro) Lami que abastecem a feira ecológica [...]. Então assim, se eu preciso de alguma coisa assim mais, mais puro que isso eu não encontro assim na cidade [...] Eu vou aqui atrás nos meus vizinhos, pulo a cerca, como se diz, e eu tenho tudo o que eu preciso pra minha alimentação. Se eu vou no mercado a três quilômetros daqui eu compro coisas contaminadas (ENTREVISTA 6, Grupo 3, p. 9).

A percepção do rural de Porto Alegre como lugar agroecológico também foi influenciada pela obtenção de alimentos ecológicos na FEJB, onde a relação entre produtor e consumidor é estabelecida de maneira a ir além da troca de mercadorias, pois conjuntamente com a compra ocorre uma conversa que estreita os laços pessoais. Estes fatores contribuíram para que o rural fosse concebido a partir do que era visualizado na feira e apreendido do contato com os feirantes. Por isso, a percepção deste espaço para um usuário da feira remetia a um lugar onde existia agricultura familiar de base agroecológica (E14, G1).

A partir desta percepção de lugar agroecológico, observou-se que o ambiente e o contexto social onde se inseriam os informantes tornaram-se os principais aspectos que influenciaram suas percepções. Há esta

influência da cadeia de produção agroecológica, porque o ato de perceber acontece nos próprios meios onde estão inseridas as pessoas. Segundo Merleau-Ponty (2006), no meio em que a pessoa se insere, existem disponíveis todas as explicações, exigindo apenas que seu intérprete incorpore estas explicações através de seus sentidos e de seu cognitivo. Assim compreende-se que a agregação de um modelo de manejo da propriedade baseado na prática agroecológica e os padrões de consumo de alimentos ecológicos são influenciados pelo contexto onde predomina uma determinada prática.

Deste modo, a presença de elementos contextuais influenciadores das percepções “faz emergir a necessidade de se considerar, quando se estuda a percepção, um meio ativo e influente, ou seja, um mundo onde os sujeitos *perceptores* estão inseridos e são constantemente influenciados.” (SOUZA, 2009, p. 46).

Lugar “isolado”

A conjugação desta categoria de percepção do rural enquanto um local em que ocorriam formas de isolamento deu-se ao se observar algumas peculiaridades existentes no espaço urbanizado e no espaço rural. Os quatro informantes (dois usuários da feira, duas turistas) que perceberam o rural de Porto Alegre marcado por alguma nuance de isolamento expressaram algumas das características distintivas destes espaços.

Uma das características atribuídas ao rural foi a falta de serviços e de infraestrutura básica, tais como água encanada e energia elétrica. Segundo uma informante usuária da feira, estes serviços são benefícios que a cidade oferece e o fato de não existirem no rural é uma especificidade própria deste espaço, observando, inclusive, que o aparato estrutural disponível na porção mais urbanizada não seria necessário no espaço rural. Segundo ela, conforme a distância do centro da cidade aumenta maior é a carência dessas infraestruturas, pois é no centro das cidades onde os serviços como água e esgoto são mais igualitariamente distribuídos. Conforme a distância do centro da capital vai aumentando, mais problemático vai ficando o oferecimento desses serviços públicos.

Assim, a informante imaginou que nos bairros ao sul de Porto Alegre, distantes aproximadamente 40 km do centro, maior era a carência destes serviços (E16, G1).

Outra informante turista, que sempre residiu em espaço urbano, onde suas necessidades eram facilmente e rapidamente atendidas por estar em uma localização próxima aos locais que podiam saciá-la, citou características do rural e questionou-se sobre a vida de pessoas que vivem no meio rural.

E eu sempre tive [...] essa pergunta intrigante de: “como é que é a vida de uma pessoa que mora longe? Longe do centro, longe da farmácia, longe da padaria, longe do supermercado, longe da academia, longe de tudo! Mora afastado, na zona rural!”(E10, G2, p. 12).

Iniciando a delimitação da percepção desta informante, pode-se entender que no rural as pessoas vivem longe de pontos de comercialização que, de acordo com a compreensão exposta, são indispensáveis para se viver. Adiante, pode-se notar que a informante partiu para uma compreensão onde o isolamento presente no rural de Porto Alegre parecia estar sendo revertido. Para ela, este rural não era mais totalmente isolado, pois existiam serviços de tele-entrega que podiam trazer o que era identificado subitamente como necessário.

A cidade pode ir até você [tele-entrega] ou você por ir até a cidade [transporte público] [...] Se eles (moradores do rural) têm um problema, precisam de um remédio, isso não é um problema, na verdade. Hoje em dia tu pode viver na zona rural e de certa forma ter algum conforto que a zona urbana te traz. Tipo, preciso de um remédio, não é o fim do mundo, liga e a tele-entrega vai te trazer. E isso não te afasta do teu mundo, do teu mundo rural. [...] Tu tá na tua qualidade de vida conectado com o mundo urbano. (E10, G2, p. 8, 9, 14 e 15).

Neste trecho perceptivo, a compreensão da informante do rural isolado foi identificada. Entretanto, nas duas citações nota-se a presença de um componente adicional pertencente à personalidade da informante que apontou para a insegurança em residir em um local onde não haveria fácil acesso aos pontos de comercialização de produtos indispensáveis para o dia a dia.

Perpassando pela questão da insegurança, outro informante usuário da feira compartilhou deste sentimento, pois percebeu o espaço rural de Porto Alegre como perigoso. Ele fez uma comparação com anos anteriores quando era possível andar livremente e entrar em terrenos nos quais não se conhecia os proprietários. Atualmente, o rural tornou-se um local onde não é permitida a livre circulação pelos terrenos, sofreu transformações ligadas à demarcação, proteção das terras de propriedade particular, e perdeu seu isolamento que consentia passagem por onde se desejasse (E5, G1).

A última informante, que é uma turista, concebeu primeiramente que, nos espaços rurais onde eram desempenhadas apenas atividades de produção agrícola, os produtores rurais se encontravam em situações de isolamento social. Entretanto, quando estes passaram a atuar em outras atividades, como o turismo rural, não ficaram retidos apenas às atividades ligadas à produção primária, passando a ocupar-se com as atividades ligadas à recepção de turistas, interagindo com a comunidade e conhecendo melhor a própria propriedade.

Deste modo, observou-se que o rural estritamente agrícola colocava sua população em uma situação de isolamento que foi sendo revertida quando outras pessoas passaram a conhecer e frequentar este espaço através do turismo. Além desta questão do isolamento do rural de Porto Alegre, foi apontada uma sensação de solidão por parte da própria informante, condicionada pela baixa densidade demográfica e pelo pouco tráfego de veículos.

Do mesmo modo que os informantes da categoria lugar agroecológico, os informantes desta categoria apresentaram um contexto que auxiliou na compreensão das percepções do lugar isolado. Observando suas trajetórias de vida, notou-se que estiveram inseridos em espaços

urbanizados durante a maior parte de suas vidas e tiveram experiências esporádicas em espaços rurais.

Eu me criei dentro da cidade, eu aos 15 anos já fui trabalhar em banco, e eu sempre vivi assim no meio de pessoas comercialmente, financeiramente [...] Então o bairro onde eu moro hoje é um bairro muito movimentado. Eu tô na minha cozinha eu tô vendo carros passando, eu tô vendo pessoas passando, tô vendo caminhões, ônibus passando, tô vendo... o ponto da minha (casa) é bem estratégico, assim, é de muito movimento (E3, G2, p. 3 e 4).

Eu sempre morei no meio do cimento né, e mesmo viajando em qualquer outro lugar, eu sempre vejo uma casinha no meio do campo no meio do nada e penso: mas como é que aquela pessoa vive ali, longe de tudo? Eu sempre tive tudo ao redor, a farmácia tá a uma quadra de casa, o mercado tá do lado, a padaria tá na outra esquina (E10, G2, p. 8).

Para quem sempre conviveu próximo às pessoas desde que começou a exercer atividades profissionais, o rural, enquanto espaço menos densamente povoado, apresentou-se como um local onde havia uma distância maior entre as pessoas, o que, segundo Tuan (1983), pode vir a expressar uma menor quantidade de relações interpessoais. Segundo o autor, há a tendência de se apontar um ambiente com maior quantidade de pessoas como um local onde há maior possibilidade de ocorrer relações sociais entre as pessoas.

A sensação de solidão e isolamento pode estar entrelaçada com a noção de espaciosidade. A espaciosidade é medida através da quantidade de espaço necessário para uma pessoa não se sentir pressionada por outras pessoas. Este quesito varia de cultura para cultura e pode demonstrar oscilações em uma mesma cultura. Assim, a sensação de solidão experimentada em alguns ambientes está ligada a sentir-se em um ambiente que é espaçoso demais ou de baixa densidade demográfica (TUAN, 1983).

As percepções expostas acima, que contemplaram o rural de Porto Alegre como um espaço em situações de isolamento, apontaram, inicialmente, para a situação de distanciamento das estruturas básicas de esgoto, água encanada e energia elétrica. Esse distanciamento de serviços que caracteriza uma forma de isolamento ocorreu para uma das informantes usuária da feira; para os demais, verificou-se que a situação de isolamento estava sendo revertida.

Neste caso, o rural deixou de ser isolado quando estes informantes tiveram a oportunidade de ter um real contato com o rural. Neste contato, o rural, antes percebido de forma virtual, foi percebido novamente, sendo geradas novas percepções que entraram em conjugação com as lembranças perceptivas anteriores, ocorrendo um ajustamento de percepção (MERLEAU-PONTY, 2006).

Assim, enquanto uma informante percebe o rural como isolado, os demais informantes desta categoria percebem alterações concatenadas a este aspecto. Observou-se que contatos recentes e mais consecutivos com o espaço rural, em que novas experiências são vivenciadas, gestaram a percepção de que o rural de Porto Alegre estava deixando de ser um local tão isolado.

Lugar de qualidade

Nesta categoria, as percepções sobre o rural de Porto Alegre passaram a demonstrá-lo levando em consideração não somente uma das suas dimensões, mas o abordaram enquanto um espaço rural e diverso pertencente ao município. Segundo os cinco informantes desta categoria (todos usuários da feira), o rural constituía-se num componente importante dentro de um município que carecia de maior valorização, pois apresenta inúmeras facetas necessárias para a qualidade de vida da população, principalmente em termos de benefícios sociais e ambientais.

As considerações acerca das qualidades trazidas para o município com um espaço rural perpassaram pela existência de áreas de predomínio do ambiente natural onde o número de habitantes é menor. Esta constatação originou-se de experiências em bairros como o Bom Fim,

onde seus moradores foram expostos a uma situação de adensamento populacional. Esta situação experimentada pode ser detalhada mostrando os números de habitantes que se aproximam de 300 por hectare neste bairro (PORTO ALEGRE, 2000).

Deste modo, o espaço rural, descrito como natural por uma das informantes, necessitava ser considerado no planejamento da cidade para determinar uma menor densidade populacional. Esta constatação foi feita ao se observar que nas áreas mais urbanizadas existia uma grande concentração de pessoas e as residências estavam dispostas muito próximas umas das outras ocasionando tensão social. Conforme Tuan (1983), espaços com uma área delimitada ocupados de maneira a ocasionar uma alta densidade populacional podem gerar nas pessoas que convivem neles uma pressão social denominada de *apinhamento* social. Esta sensação ocorre quando as pessoas notam que suas ações diárias ficam comprometidas devido à convivência social que acontece de maneira massificada e involuntária. Isso faz com que entre alguns indivíduos que compartilham da sensação de *apinhamento* social haja necessidade de maior espaço entre as pessoas.

Esta informante que sentia o *apinhamento* social passou a considerar que a população precisava se espalhar por todo o território do município, inclusive pelo espaço rural onde existiam mais áreas naturais. Para o caso de uma ocupação habitacional, a continuidade das atividades agrícolas, típicas do rural, ficaria prejudicada: “e de uma certa maneira, eu acho que isso talvez prejudique até uma, futuramente uma área rural porque as pessoas vão indo tanto, tanto, tanto, que tu vai acaba abocanhando aquele espaço” (E9, G1, p. 8).

Conforme a percepção desta informante, a qualidade que as pessoas teriam nestes locais não está vinculada diretamente ao rural, mas ao natural, provocando uma compreensão de que este espaço poderia ser submetido a dois usos desassociados: residencial e rural. Ou haveria espaço rural ou haveria os espaços residenciais menos densificados. Um uso excluiria o outro. Assim, o espaço perderia as suas características rurais em função de uma ocupação residencial que viesse a oferecer melhores condições de vida à população.

Entretanto, outros informantes desconsideraram em suas percepções condições de estresse urbano oriundo de densidades populacionais altas, e, neste caso, em suas projeções futuras para o rural não ocorreriam alterações das características ligadas à agricultura. Segundo esses informantes, o espaço rural deveria ser mantido o mais parecido ao encontrado atualmente para que pessoas residentes em Porto Alegre pudessem desfrutar dele para o seu próprio bem.

Também associado ao ambiente natural que predomina no rural de Porto Alegre, em uma das percepções, o espaço ao sul de Porto Alegre que contém mais vegetação poderia servir para a purificação do ar da capital, considerando a necessidade de metrópoles como Porto Alegre possuir espaços que proporcionassem ar mais puro. Assim, o rural de Porto Alegre assumiria a função de local para a manutenção da qualidade de vida na cidade, sendo responsável por situações agradáveis.

Esta percepção indicou relações de necessidade da área de ocupação urbana pela área rural, pois esta última proporcionaria saúde, gerando a possibilidade de dispor de ar puro e inclusive livrando-lhe de problemas sociais mais graves que atingem metrópoles maiores. Para um dos informantes, Porto Alegre só não tem tanta miséria e pobreza como São Paulo, por exemplo, porque tem este espaço rural.

Ligada à postura vinculada à manutenção do espaço, houve outra percepção expressando que, por meio do rural, ocorreria o resgate de conhecimento das práticas agrícolas de produção de alimentos que se perderam com a urbanização. “Eu acho que [...] o meio rural deve inclusive existir pra mostrar às pessoas muito urbanas, como [...] se desenvolve, sabe! Muitas coisas que vêm pra elas e elas pegam praticamente na prateleira do supermercado sabe” (E18, G1, p. 29).

A última das percepções desta categoria abordou a produção agrícola, mas partiu para outro viés, considerando que o espaço rural produziria o que é necessário para o consumo alimentar das famílias residentes nos bairros mais centrais de Porto Alegre que não tivessem condições ou interesse em produzir seus próprios alimentos. Dentro desta perspectiva, este espaço assumia um papel essencial para a vida na cidade e para a sustentabilidade do município, através de uma lógica de

produção e consumo local. “É fundamental um município ter uma zona rural, né! A única pra sustentabilidade do município, pra tá produzindo localmente, sustentabilidade da cidade de ela tá produzindo o seu próprio alimento” (E4, G1, p 14 e 15).

De modo geral, os informantes que constituíram esta categoria de percepções denominada de lugar de qualidade apresentaram alguns aspectos relacionados com o rural de Porto Alegre que foram comuns entre si. A maioria dos informantes, com exceção de um, tinha contatos frequentes com o rural na forma de vivências diárias, quando desempenhavam atividades profissionais neste espaço ou quando estavam envolvidos voluntariamente com questões relacionadas à sua conservação. Segundo Souza (2009), as práticas com as quais se está envolvido durante os dias estão fortemente conectadas com a origem das percepções, uma vez que, através de nossas experiências, são constituídas concepções acerca do mundo (MERLEAU-PONTY, 2006).

Estas experiências diárias dos informantes relacionaram-se com o contexto social e ambiental do rural de Porto Alegre em uma via de mão dupla, em que o contexto os influenciou e estes exerceram influência sobre o contexto em suas atividades. A relação estabelecida com este meio fez com que surgissem formas de interpretação do rural fundamentadas nos vínculos atuais e em experiências anteriores.

Deste modo, observando as experiências do dia a dia e o contexto em que estavam inseridos os informantes da categoria qualidade, compreendeu-se que a forma como se constituem percepções sobre um determinado espaço e a percepção em si são delimitadas fortemente pela interação com o meio circundante. Isso faz com que o conjunto de tarefas diárias direcione o aparato perceptivo de cada pessoa para um foco onde aparecem majoritariamente os sentidos do mundo ligados com este cotidiano.

Lugar de contradições

Os cinco informantes (dois usuários da feira, dois turistas e um novo rural) que compuseram esta categoria de percepções descreveram o rural de Porto Alegre como um local onde existiam forças que o

tencionavam para direções contrárias, colocando o rural em posição de contrariedades. A forma como estes informantes interagiam com o rural era permeada por relações pessoais com moradores do rural de Porto Alegre. Alguns destes informantes também eram pessoas residentes na zona sul de Porto Alegre, próximo ao espaço rural deste município.

O contato mais próximo com o rural aumentou a amplitude de informações e conhecimentos sobre o local freqüentado, possibilitando uma confrontação com situações do rural que não são passíveis de identificação em uma primeira visita. Estes informantes puderam apropriar-se com mais integridade de características e das situações que existiam neste espaço rural em função dos contatos de suas redes sociais. Como indica Merleau-Ponty (2006), as redes sociais podem transmitir as preocupações relacionadas a um espaço particular, contribuindo na formação das percepções.

Foram geradas percepções que demonstram duas facetas do rural, conforme uma das informantes desta categoria que citou características positivas do rural em Porto Alegre, percebendo o espaço como diferente para a realidade de uma capital, citando que não são todas as capitais que possuem um espaço como este. A existência deste espaço peculiar deveria ser mais divulgada para que mais pessoas viessem a conhecê-la, porque segundo sua concepção “é uma coisa pras pessoas verem” (E2, G2, p. 8).

Entretanto, o espaço rural de Porto Alegre também foi descrito apresentando características que poderiam prejudicar sua manutenção, em especial pela falta de cuidado com o ambiente. Segundo a mesma informante (E2, G3, p. 8), em um passeio realizado em anos anteriores, observou a presença de lixo e poluição. Segundo ela, esta situação ainda estaria acontecendo, embora não tendo observado isso na recente visita ao rural de Porto Alegre por meio dos Caminhos Rurais porque não passaram por aqueles locais.

Esta informante, apesar de ter vivenciado uma nova experiência com o rural em que não observou a poluição e o descuido com o ambiente, ainda acreditava que existiam descuidos com áreas naturais do sul de Porto Alegre. Deste modo, sua percepção apareceu permeada por estas duas características de espaço rural: um local diferente para a realidade

urbanizada de uma capital e um espaço onde haveria indícios de contaminação do ambiente natural.

Uma outra entrevistada citou um aspecto referente à questão da preservação ambiental conciliada com a noção de rural: “é porque até eu achei bem estranho ele ter falado isso (o Morro São Pedro não é considerado espaço rural) porque, poxa!, lá é, pelo menos aquele lado lá do morro, é superpreservado, né?!” (E20, G1, p. 7 e 9). Esta informante, ao fazer referência a um dos morros de Porto Alegre denominado Morro São Pedro, entende que, no rural, estaria incluída a preservação do ambiente. Este morro é o de maior extensão do município de Porto Alegre, com aproximadamente 1.259 hectares, tendo a maior parte de sua área coberta com vegetação natural (INGÁ, 2009).

No trecho da entrevista exposto acima, percebeu-se que a informante apreendeu uma informação de uma pessoa conhecida e, posteriormente, refletiu sobre o assunto, ponderando, conforme a sua percepção, se era correta. Em uma conversa sobre a denominação rural ou urbana da parte sul de Porto Alegre com um dos moradores do rural de Porto Alegre, proprietário de uma parcela do território do Morro São Pedro, ela entendeu ser inapropriada a classificação do sul de Porto Alegre como urbana. Conforme o que observava no momento em que se encontrava neste local, tratava-se de um espaço onde a natureza era mais preservada e por isso deveria ser rural. Em outras palavras, a informante utilizou seu entendimento do rural baseado em percepções que Merleau-Ponty (2006) descreve como gravadas como lembranças, para reparar que a informação fornecida por seu interlocutor não correspondia à realidade visualizada e, em Porto Alegre, aquele lugar localizado ao sul de seu território constituía um espaço rural.

Esta experiência observável através do trecho perceptivo citado denota que a forma como se percebe pode ser influenciada por pessoas, acarretando que a percepção de uma pessoa também origina-se da interação social, momento em que são compartilhadas diferentes percepções. Isto ocorre porque a percepção é um processo de apreensão do mundo a partir dos dispositivos sensoriais e cognitivos, podendo ser influenciada pela conjuntura social em distintas interações sociais (MERLEAU-PONTY, 2006).

Continuando com a descrição das contradições do rural de Porto Alegre, uma das entrevistadas percebia o espaço rural como um local onde havia um aumento da ocupação populacional. Essa informante, do grupo de novos rurais, salientou que percebeu o aumento de residentes nas proximidades de sua casa. Ela migrou para o rural de Porto Alegre há aproximadamente 28 anos e percebeu, ao longo de sua experiência no rural, que a grande maioria das propriedades próximas ao seu sítio foi desmembrada em porções menores.

Segundo esta informante, a atividade do turismo rural poderia, a longo prazo, comprometer as áreas rurais. Apesar dos benefícios que esta atividade tem oferecido aos agricultores familiares, questionou-se sobre a atração que este espaço poderia exercer nas pessoas que o conhecessem por meio dos Roteiros Turísticos Caminhos Rurais, pois com estes roteiros mais pessoas poderiam se interessar em morar neste espaço a ponto de ele perder as características rurais. Preferia que o espaço fosse mantido com as características atuais: “que é um rural em que as pessoas tão investindo em uma nova coisa, que é o orgânico, né, que é a preservação. Então, pra mim, isso aí é importante” (E12, G3, p. 11).

Assim, o roteiro turístico "Caminhos Rurais" seria um potencial causador do interesse em constituir residência no rural de Porto Alegre, constituindo-se, portanto, em uma ameaça à conservação do local. Entretanto, ao mesmo tempo, a informante notou que a organização de agricultores familiares e novos rurais, dentre outros atores do espaço rural de Porto Alegre, em torno da atividade do turismo rural e da agroecologia, tornou-se uma das razões para a conservação do local. Outra razão para a manutenção do espaço foi a história de ligação que os agricultores familiares detinham com a terra, pois em alguns núcleos estas eram passadas de pai para filho por algumas gerações.

Para outra informante, o risco de aumento de ocupação populacional foi percebido também em condomínios legalizados e clandestinos. Segundo ela, as residências estabelecidas informalmente são as que causam maiores preocupações porque são constituídas sem um rigor que considere a propriedade do solo. A incidência de loteamentos irregulares tem deixado alguns moradores do espaço rural receosos por haver

ameaça constante de seus sítios e suas propriedades serem invadidos. A informante acrescentou que, entre os novos rurais, passou a haver mais possibilidade de loteamento de propriedades, pois poderiam se sentir menos motivados a resistir às pressões externas para ocupações.

Esta informante considerou que a integridade do rural de Porto Alegre dependia de pessoas que quisessem mantê-lo da forma como se encontrava e não almejassem introduzir transformações nas características que são típicas do rural. Considerou que esse espaço constitui-se em “uma situação ótima”, mas “o crescimento absurdo de loteamentos por perto” lhe afligiou (E13, G2, p. 16). Devido à presença de loteamentos irregulares e regulares, percebeu o rural como um local “ameaçado o tempo inteiro” (E13, G2, p. 17). Assim, o espaço que era considerado uma situação ótima, em sua percepção mesclou-se com o sentimento de preocupação relacionado com a resistência à atuação de um poder percebido como mais forte (imobiliário) e ao avanço da ocupação irregular.

Além destas questões contraditórias, o rural de Porto Alegre expressava tensões sociais observáveis no ambiente de uma sala de aula lotada, onde algumas crianças não têm a assistência necessária para adaptar-se. Para o caso de um informante, que é professor, as famílias que eram instaladas pelo poder público em bairros ao sul de Porto Alegre, em alguns casos, não encontravam condições adequadas para a sua sobrevivência. Por isso, a contradição percebida por este entrevistado retratou a beleza do rural de Porto Alegre e, por outro lado, um aspecto relacionado às famílias, especialmente crianças, instaladas em loteamentos do poder público local onde inexitem as estruturas adequadas para permitir uma qualidade de vida (E7, G1).

Através da descrição destas percepções, pode-se observar que a trajetória de experiências de cada um dos informantes traçou direções a serem dadas ao rural. Os direcionamentos propostos pelos informantes perpassaram pela continuidade deste espaço rural até a sua transformação em local de ocupação residencial. Entretanto, apesar desta posição bipolar, os informantes desta categoria, em sua maioria, dedicaram-se a expressar que o rural de Porto Alegre se deparava com

situações que poderiam comprometer sua continuidade enquanto um espaço rural.

As trajetórias destes informantes demonstraram que entraram em contato com um conjunto de elementos do rural maior, se comparados com os demais informantes, o que os fez defrontarem-se com diferenciadas facetas que lhes ofereceram um conhecimento mais apurado do espaço rural de Porto Alegre. A posição crítica foi marcadamente herdada das experiências vivenciadas em um convívio mais constante com o ambiente rural e com seus moradores. Por isso, suas percepções expressaram um sentimento de apreço pelo rural de Porto Alegre, mas não deixaram de exprimir um conjunto de situações que sentiram como ameaças ou prováveis ameaças à continuidade deste espaço rural.

Esta maneira como passam a ocorrer as percepções está conectada às experiências no espaço rural e às sensações que foram geradas nestas experiências. Segundo Relph (1979), as sensações em um espaço podem ser agradáveis quando, conforme costumes e atitudes da pessoa envolvida, há estímulo, relaxamento e possibilidade de sentir locais com prazer. Do contrário, quando as experiências vivenciadas não trazem conforto ou induzem à ansiedade e à depressão, aparecem para as pessoas como desagradáveis. Deste modo, através das percepções que expressam as contradições, pode-se verificar que estes informantes passaram por experiências agradáveis e desagradáveis no espaço rural de Porto Alegre.

Lugar de liberdade

A forma de perceber o rural de Porto Alegre como local de liberdade foi expressa por cinco entrevistados (uma turista e quatro novos rurais). Inicialmente, o que chamou atenção na observação destas percepções foi a separação do território porto-alegrense em dois espaços que apresentavam formas de viver diferentes. A partir da percepção de que existiam mundos diferentes que influenciavam hábitos e atividades do dia a dia, estes informantes construíram suas vidas e obtiveram motivações para ações diárias.

Em todas as entrevistas, a distinção entre os espaços foi feita conforme a conduta de vida que era estimulada em locais urbanizados. Esta forma de viver em locais mais urbanizados pareceu, para alguns dos informantes, imposta e, muitas vezes, não proporcionava autenticidade em decisões, expondo-os, por exemplo, ao consumo sem necessidade. Além disso, este espaço os submeteu a um modo de vida ritmado e agitado que forçava as pessoas a agirem conforme padrões sociais em suas vivências urbanas, não proporcionando um autoconhecimento.

Esta imposição de uma forma de viver faria com que as pessoas trabalhassem para se manterem em determinado nível de vida e almejassem ascender a níveis “mais elevados”. Nos momentos em que os informantes sentiram necessidade destes níveis, adequaram-se a uma rotina baseada em códigos padronizados que se caracterizou por impor às pessoas um horário de trabalho em locais determinados. Os informantes deste grupo perceptivo, quando se moldavam a estes padrões, se sentiam confinados em salas sem poder observar a paisagem externa, recebendo ordens e, em alguns casos, executando atividades com as quais não se identificavam.

Outro fator destacado por este grupo, que consistiu em mais um ponto na separação em mundos diferentes, é o constrangimento social existente entre pessoas que estão mais próximas fisicamente. Uma das informantes citou que não se sentia à vontade para ir ao pátio de sua casa, pois o vizinho poderia estar observando o que ela fazia em seu ambiente particular. Ou então, era necessário ter um cuidado com a segurança nos espaços mais urbanizados, colocando muros e grades nas casas.

Este formato da vida urbana foi claramente percebido como desagradável pelos informantes desta categoria, retirando de alguns deles a liberdade de decidirem eles mesmos sobre seus horários e desejos. Desta forma, acabavam adquirindo determinados produtos, moderadas pelo meio que as circula.

Na Santana a gente era bem urbanoide. A gente consumia bem as coisas que queriam que a gente consumisse [...] coisa que o capitalismo construiu e

quer que a gente, acha que a gente precisa disso, né! [...] (hoje) se eu quero comprar uma bota nova, até posso compra uma roupa nova, uma bota, mas porque eu tô com vontade de botar naquele momento e acho que eu tenho valor, que eu posso usar aquilo sem me incomodar, né! [...] Então, aqui, a gente consome aquilo que a gente acha que é nosso valor consumir, né! [...] Hoje, eu tenho uma, hoje eu tenho critério de valor, né! Diferente, lá no apartamento não, eu não tinha noção de que eu não precisava daquilo. Aquilo pra mim era necessário (E8, G3, p. 7).

Partindo desta constatação, fica evidente que as pessoas que passaram por experiências como esta, ou semelhantes, nas quais provaram sensações parecidas venham a almejar um mundo onde a interação com seu exterior ocorra de forma distinta.

Deste modo, as sensações desagradáveis originadas de práticas em cidades grandes, como Porto Alegre, determinaram nos informantes anseios de viver em outro mundo, livre destas concepções de vida que ditavam o que e quando produzir e realizar. Estas pessoas passaram a buscar maneiras diferentes de se relacionar com o exterior, permeadas pelo anseio de terem seus desejos determinados por eles mesmos, sem lhes parecerem impostos.

Inicialmente, alguns destes informantes não sabiam como isso poderia acontecer. Foi quando conheceram propriedades conduzidas pelos princípios da agroecologia. Segundo suas descrições, nestas propriedades, basicamente, havia produção de alimento para consumo e para comercialização, e a família vivia feliz. A forma da vida destes agricultores lhes agradou, pincelando alguns traços no desenho onde o viver não estivesse pré-moldado.

Após estas visitas, e motivados pelas características indesejáveis da vida urbana da metrópole, estes informantes começaram a verificar possibilidades de acordo com as expectativas que tinham traçado de uma vida mais livre e independente. Dentro deste contexto, o rural de Porto Alegre passou a compor um horizonte que se apresentava como mais adequado.

Estas pessoas observaram que residir próximo a agricultores agroecológicos possibilitaria sair de um ambiente onde se sentiam pressionadas e trancadas. Além disso, viver próximo às propriedades agroecológicas colocava em potencial uma produção mais saudável e sustentável. Assim, as propriedades em transição agroecológica localizadas no bairro Lami determinaram, em certa medida, as vontades de novos rurais de residirem no rural.

O sul de Porto Alegre, com características rurais, possibilitaria a independência por meio da produção do próprio alimento e um contato mais aprofundado com o lar. Um contato permanente, numa relação que abrange outra esfera de interação, na qual cuidar é cuidar do que pertence à pessoa.

Mas morar em um apartamento assim tripequenininho assim, nada a ver com o que a gente quer ter de contato com o nosso lar mesmo né! E também porque a gente pretende ficar mais tempo em casa que [...] futuramente talvez a gente consiga ter aqui um trabalho, né! [...] Ah, segundo porque a gente quer poder plantar coisas pra se alimentar e tal. É mais se tu for ver em formas gerais e mais autonomia assim mesmo (E1, G3, p. 9, 10 e 13).

Em um primeiro momento, o rural de Porto Alegre foi percebido por este grupo de informantes como um espaço onde era possível viver de forma diferenciada do modo de vida em bairros mais centrais. Neste espaço, o mundo das pessoas assumiria caráter personalizado. Seria possível fazer o que consideram ser mais saudável, conversar com os amigos sem necessitar marcar horário, fazer o que se quer no pátio sem estarem sendo observados. Poder ter a liberdade de aumentar um pouco mais o volume do som e curtir uma música. Ter autonomia para fazer o que se desejasse no espaço onde se estivesse. Não viver em uma sala fechada durante todo o horário de trabalho e poder apreciar a natureza. Para os novos rurais, o rural de Porto Alegre constituiu-se em um espaço que possibilitou estar fora do ritmo que era ditado pelas cidades, pelo consumismo, pelo ritmo de trabalho.

Pode-se dizer que a expressão espaço rural constituiu-se, para estes informantes, no que Tuan (1983, p. 61) chama de “um símbolo comum de liberdade” por ser percebido como aberto ao olhar e ao pensamento e não conjugar os constrangimentos do mundo urbanizado. Entretanto, apesar de os informantes novos rurais descreverem o rural como o espaço que atendeu suas ansiedades geradas em ambiente urbanizado, o viver em um local sob condições, na maioria dos casos, novas exigiu deles uma adaptação com o novo meio.

A gente plantava por tudo, porque a gente não tinha também, apesar de ter lido, certas coisas o livro não vai te dizer, qual é o lado norte daqui que a gente... sabe uma posição solar aqui de determinado lugar, [mas] que horas que bate uma sombra lá? Se é bom ou se é ruim pra plantar? Ou se é mais seco, ou se é mais arenoso o solo... essas coisas assim tu vai vendo (E15, G3, p. 12).

A fase de mudança de local de residência trouxe-lhes momentos em que experimentaram fortemente o novo ambiente, confrontando com realidades que não estavam totalmente adaptados por mais que imaginassem e tivessem expectativas de como seria viver no rural.

Para estas novas situações vivenciadas, Penna (1997, p. 191) cita que “a percepção aparece como forma de atividade e como primeiro passo ao estágio para a total complementação do ajustamento do organismo ao meio”. Estando na base da ação dos indivíduos, a percepção auxilia-os a identificar as melhores soluções para problemas e a aprender a lidar com determinadas situações e mesmo como executar tarefas. Quando ainda não ocorre um ajustamento completo, a percepção continua atuando de maneira a proporcionar um conhecimento básico. Posteriormente à fase de adaptação, surgem outras que indicam que o meio passa a ser manipulado e consumido.

De modo geral, as percepções sobre o rural de Porto Alegre, expostas por este grupo de informantes, fizeram aparecer um local contrastante com o espaço mais urbanizado da capital e de outros municípios da região metropolitana, como São Leopoldo, apresentando qualidades desejáveis

para uma vida considerada saudável. A forma como estas qualidades foram expressas e o que este espaço poderia proporcionar e proporcionou aos informantes o tornaram um lugar livre de situações indesejáveis do mundo urbanizado. Um espaço onde as pessoas se sentiam libertadas do modo de viver conforme um molde já determinado, e, deste modo, estendeu-se sobre eles uma percepção de liberdade.

Considerações finais

A forma de perceber o espaço é determinada por características individualizadas da pessoa e pelo contexto que a circunda, caracterizado por interações sociais, situações de cunho político particularizadas para um determinado tempo e espaço, condições econômicas, cultura, dentre outras características. Deste modo, “cada indivíduo tem sua interpretação de espaço, de acordo com a realidade em que vive” (OLIVEIRA, 2006, p. 35).

Estas variações perceptivas estiveram fortemente relacionadas com as ligações dos informantes com o mundo rural, que foram identificadas durante a coleta de dados. Foi descoberto que, além de ligarem-se ao rural pelas formas inicialmente previstas, existiam interações com este espaço circunscritas à profissão e aos laços pessoais. Segundo Souza (2007, p. 104), a troca e a interação que ocorrem em determinado ambiente e com cada pessoa refletem diferentes formas de entender a realidade. Esta característica determinou que as variadas formas de relacionamento com o espaço rural fossem fatores determinantes das percepções e contribuiu para que surgissem formas diferenciadas de perceber.

Através de uma aproximação das percepções do rural de Porto Alegre as referências que auxiliassem na sua compreensão, identificou-se que as percepções estão presentes nas pessoas condicionadas por fatos da história de vida e permeadas pelas experiências vivenciadas mais recentemente. Estas particularidades das percepções fizeram com que o rural de Porto Alegre fosse descrito conforme as sensações experimentadas no espaço rural, mas permeado pelo cotidiano no qual

os informantes estavam inseridos e constantemente expostos a novas experiências.

Deste modo, observou-se que a qualidade atribuída às situações cotidianas da vida de cada um dos informantes, agradável ou desagradável, também se fez presente, indiretamente, na percepção do rural de Porto Alegre. Dependendo desta qualidade, a percepção do rural assumiu uma postura de lugar que apresentava características combinantes com os desejos de vida ou de local não combinante com as afinidades de determinados grupos de pessoas. As situações cotidianas urbanas a que estavam sujeitos os informantes do lugar “isolado” foram explicadas, em sua maioria, como sendo agradáveis, uma vez que estes informantes demonstraram ter o desejo de continuar no mundo onde estavam inseridos. Já para o grupo "qualidade" a situação era inversa, pois eles identificavam no meio urbano, onde residiam, situações desagradáveis, o que os incitou a perceber o rural com bons atributos.

Nas observações participantes, notou-se que as percepções dos informantes determinam suas vivências do dia a dia. No caso das percepções do rural com bons atributos, percebe-se apego, cuidado com os animais e atividades realizadas com dedicação e afeto pelos novos rurais que estavam cuidando da sua casa e deles mesmos. No caso dos informantes que são mais amigáveis das estruturas urbanas, observou-se que no cotidiano suas atividades e seu entretenimento eram realizados neste meio no qual se sentiam confortados.

Ademais, esta pesquisa demonstrou que as atuais percepções são as direcionadoras das futuras ações humanas nos espaços, uma vez que se verificou que os informantes expuseram quais seriam os planos mais adequados a serem empregados no espaço rural de Porto Alegre. Entretanto, estes planos demonstraram-se tão diversos que não é provável que todos possam ser atendidos. Talvez, se fosse considerar a implementação de políticas públicas para o desenvolvimento deste espaço, conforme as percepções da população, seria necessário buscar um maior consenso, ou acabaria sendo decidido por votação, o que certamente deixaria uma parte considerável da população descontente.

Dentre todas as percepções observadas, a mais interessante é a de que Porto Alegre ainda tem um espaço rural e que esse espaço deveria servir

como uma reserva, de modos de vida e de ambiente, devendo ser preservado para servir também às futuras gerações. Espera-se que em um futuro próximo esta reserva possa ser defendida com mais efetividade da introdução de condomínios residenciais e que seja valorizado o seu potencial para oferecer ar puro, alimentos saudáveis, pausa e descanso da correria da metrópole.

Referências Bibliográficas

BORBA, P. **O funcionamento da referência na perspectiva da análise do discurso**: um estudo sobre o discurso do esquizofrênico. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/7105>>. Acesso em: 25 jan. 2010.

FLICK, U.; ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Tradução José Fonseca; Consultoria, supervisão e revisão técnica Bernardo Lewgoy. Porto Alegre: Artmed, Bookman, 2009. (Coleção Pesquisa Qualitativa).

GIULIANI, G. Neorruralismo: o novo estilo dos velhos modelos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, ano 5, n. 14, p. 55-68, out. 1990. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/porta/publicacoes/rbcs_00_14/rbcs14_05.htm>. Acesso em: 13 maio 2009.

GOMÉZ, S. ¿Nueva ruralidade?: um aporte al debate. **Estudios Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 17, p. 5-32, out. 2001. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudios/dezesete/gomez17.htm>>. Acesso em: 28 dez. 2009.

INGÁ. **Minicurso áreas naturais e rurais**: Porto Alegre. Porto Alegre, 2009. 1 CD-ROM.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 3. ed. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MIRANDA, Z. Campo e cidade em Regiões Metropolitanas. In: CAMPANHOLA, C; SILVA, J. (Ed.). **O novo rural brasileiro: novas ruralidade e urbanização**. Brasília: Embrapa Formação Tecnológica, 2004. cap. 4, p. 107-130.

OLIVEIRA, N. A educação ambiental e a percepção fenomenológica, através de mapas mentais. **Revista Eletrônica Mestrado em Educação Ambiental**, Curitiba, v. 16, p. 32-46. jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.remea.furg.br/INDVOL16.php>>. Acesso em: 12 mar. 2010.

PENNA, A. **Percepção e realidade**: introdução ao estudo da atividade perceptiva. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

PORTO ALEGRE. Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comercio. **Lei complementar nº434, de 1º de dezembro de 1999**. Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental. Disponível em: <<http://www.portoalegre.rs.gov.br/planeja/spm/default.htm>>. Acesso em: 15 set. 2009.

_____. Secretaria Municipal do Meio Ambiente. **Diagnóstico Ambiental de Porto Alegre**. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://www.ecologia.ufrgs.br/labgeo/arquivos/downloads/dados/Diagnostico_Ambiental_POA/cd/Livro/diagnostico_ambiental_de_Porto_Alegre.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2010.

_____. Secretaria Municipal de Planejamento. **Situação Demográfica de Porto Alegre: Censos 1980/1991/2000**. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/censos_de_80_90_e_2000.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2010.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, Rio Claro, SP, v. 4, n. 7, p. 1-25 abr. 1979.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: espaço e tempo: razão e emoção. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SOUZA, J. **Percepção ambiental dos citricultores ecológicos da cooperativa Ecocitrus**: Vale do Caí RS. 2009. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/18322>>. Acesso em: 25 mar. 2010.

SOUZA, M. As interpretações da paisagem. **Perspectiva Geográfica**, Cascavel, PR, v. 3, n. 3, p. 103-114, 2007. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica/article/view/1290/0>>. Acesso em: 1 maio 2010.

SOUZA, M. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. et al. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p.77-116.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução DIFEL Difusão. São Paulo: DIFEL, 1980.

XAVIER, H. **A percepção geográfica do turismo**. São Paulo: ALEPH, 2007. (Série Turismo).

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro dado no decorrer desta pesquisa.

Artigo recebido para publicação em:

21 de maio de 2012.

Artigo aceito para publicação em:

19 de julho de 2012.

Como citar este artigo:

BASTIAN, Lilian; DAL SOGLIO, Fábio Kessler. “O espaço rural de Porto Alegre (RS) descrito por meio das percepções de moradores da região metropolitana”. *Revista IDeAS – Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade*, Rio de Janeiro – RJ, v. 6, n. 2 , p. 100-133, 2012.